

Discurso para a ocasião da Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito a Kabengele Munanga

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.217695>

Lília Katri Moritz Schwarcz

Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

lilia.ms@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0003-0498-3246>

Para o Kabê com carinho.

Tive a alegria e a honra de ser indicada pelo professor Kabengele Munanga para tomar parte dessa justa homenagem. Dentro da lógica da dádiva, tão estudada em nossa disciplina, a Antropologia, penso que é difícil determinar quem presenteia a quem. Ou melhor. Penso que sei: sou eu a receber o maior e melhor presente.

O título de professor emérito premia, reconhece e faz jus à essa carreira consistente do professor Kabê (como os alunos e amigos o chamam), que combina, de maneira original e erudita, uma produção de excelência – e fundamental para os estudos sobre processos de racialização no Brasil –, com uma liderança segura em prol de um país mais justo, democrático e inclusivo.

A luta pela equidade racial no Brasil é peça central nesse país de maioria negra, e que não conhecerá uma democracia enquanto continuar a praticar um racismo sistêmico e estrutural, perverso em sua raiz, e que produz muita desigualdade no seio da República. E nessa batalha por direitos, o nome de Kabengele Munanga virou símbolo e ícone.

Munanga é, desde 1985, brasileiro por opção (e naturalização). Ele nasceu na República Democrática do Congo Belga, onde também se graduou em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Oficial do Congo, dentre os anos de 1964 a 1969. Foi nessa Universidade que ele iniciou sua longa e consolidada carreira acadêmica

internacional, primeiro como professor assistente (de 1969 a 1975).

Em 1969, Kabê recebeu uma bolsa de estudos do governo belga (OCD) para iniciar seus estudos de Pós-Graduação na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, onde permaneceu de 1969 até 1971. Vale destacar que Munanga foi o primeiro antropólogo a sair de seu país para fazer doutorado na Europa. Nesse meio tempo, foi pesquisador no Museu Real da África Central, de Tervuren, na Bélgica, que ele se especializou em estudo das artes africanas tradicionais. Todavia, por conta da ditadura que se instalou na recém-criada República do Zaire, e que passou a exercer um domínio político sobre a universidade, Kabengele Munanga acabou sendo impedido de terminar seu trabalho naquele país, uma vez que a família dele fazia parte da oposição política.

Como efeito desse efervescente contexto pessoal e político, e com a bagagem e experiência acumuladas, o professor Munanga mudou-se, em 1975, para o Brasil. O professor havia recebido uma bolsa concedida pelo Itamaraty para vir à Universidade de São Paulo e dar continuidade ao mesmo projeto iniciado na Universidade de Louvain. Munanga concluiu seu doutorado em 1977, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia Ciência e Letras da USP, ao mesmo tempo que fazia força para aprender a língua portuguesa; que hoje domina como sua.

Figura 1 | Kabengele Munanga em sua defesa de doutorado no Departamento de Antropologia, em 1977.
Fonte: Acervo pessoal do autor/Museu da Pessoa.



Munanga não sabia ao certo, mas deixava uma ditadura para entrar em outra. Nos tempos da Ditadura Militar no Brasil, o pesquisador empenhou-se em realizar uma “antropologia engajada”, como gosta de definir o seu trabalho.

No ano seguinte surgiria o Movimento Negro Unificado, reunido pela primeira vez nas escadarias do Theatro Municipal, o qual, em plena ditadura, reclamava por direitos para a população negra que andava sendo presa e assassinada pela ditadura militar. O professor Kabê acompanhou e engrossou esse movimento social, que defende o fim de processos de subordinação que, de certa maneira, datam dos tempos da escravidão; sistema que criou uma linguagem da desigualdade em nosso país.

Kabê foi então contratado como professor visitante na Escola de Sociologia e Política de São Paulo (em 1977), na Universidade Candido Mendes (nesse mesmo ano), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal (de 1979-1980) na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique (em 1999). Também atuou como professor associado na Universidade de Montreal, Canadá (de 2005-2010), onde ministrou seminários, além de orientar projetos de mestrado e teses de doutoramento na Faculdade da Ciência das Religiões.

A maior parte de sua carreira acadêmica foi realizada, no entanto, na Universidade de São Paulo, onde atuou de 1980 a 2012, cumprindo com todas as etapas da formação até chegar ao cargo de professor titular, título com o qual se aposentou.

Nesse processo, ele aprendeu que não apenas ensinaria sobre o continente africano (um grande “desconhecido”) – sua história, sua arte e conhecimentos – como se reinventaria a partir da antropologia que conheceu na USP: uma antropologia *no* e *do* Brasil. Por aqui, aprendeu o que significa ser “negro” e a quantidade de preconceitos que se incluíam nessa designação. Assim, virou estrangeiro por duas vezes.

Eu o conheci em ação: no nosso Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, mas também no Includsp (Programa de Inclusão Social da USP), enquanto lutava por uma Universidade com mais negros no corpo docente e discente. Lembro que tiramos a taxa de inscrição dos alunos que vinham da escola pública, fizemos pesquisas e censos internos, mas nada parecia suficiente para Kabê, que sempre nos convocava e exigia mais, dizendo que não queria participar de um comitê apenas simbólico. Infelizmente, essa luta está longe de se encontrar superada aqui na USP.

Também trabalhamos juntos em um projeto da Ford Foundation, chamado “Mais é mais”. Por lá, amparávamos os alunos negros e os ajudávamos a não desistir das fileiras da Universidade, que, bem sabemos, a despeito de ser pública, nem sempre ajuda como deveria na manutenção de um corpo discente mais destituído de recursos materiais.

Nem por isso, o professor Munanga abriu mão de sua expertise em arte africana – que fez com que, entre outros, fosse um dos curadores da importante *Bienal do Redescobrimento*, no ano 2000. Por lá apresentou a força das formas africanas, com seus olhos amendoados, o uso da madeira e da arte que vem de encontro ao ritual e vice-versa.

Na USP ocupou os cargos de Diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (1983-1989), Vice-Diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (2002-2006), Diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (2006-2010).

No Departamento e no Programa de Antropologia da USP, ele formou centenas de estudantes nas áreas de Antropologia da África e da População Afro-brasileira. Seus cursos versavam sobre racismo, políticas e discursos antirracistas, negritude, identidade negra, multiculturalismo e educação das relações étnico-raciais – sempre com um público cativo; numeroso e atento.

Em 2014, Kabengele Munanga tornou-se professor visitante sênior da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB, por meio de uma bolsa da Capes. Ele literalmente se reinventou. Eu o pude encontrar em Cachoeira, relaxado, de camisa florida e cercado de alunos e do carinho que sempre faz por receber.

Kabengele Munanga é autor de uma centena de publicações entre livros, capítulos de livros e artigos científicos. Não teria tempo de listá-los por completo nessa ocasião. Por isso, dentre suas principais obras destaco: *Negritude usos e sentidos* (1986), *Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira* (1998), *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra* (1999a), *O Negro no Brasil de Hoje* (com Nilma Gomes, 2006) e *Origens africanas do Brasil contemporâneo* (2009). Munanga organizou o livro *Superando o racismo na escola* (1999b), que foi o primeiro a introduzir a questão racial nos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, inaugurando dessa maneira uma ponte importante entre a academia e o ensino fundamental e médio.

O professor recebeu uma série de prêmios e títulos honoríficos, dos quais destaco apenas alguns: a Comenda da Ordem do Mérito Cultural, pela Presidência da República Federativa do Brasil (2002), Grau de Oficial da Ordem do Rio Branco do Ministério das Relações Exteriores, Palácio do Itamaraty (2013), Prêmio Benedito Galvão, da Ordem dos Advogados do Estado de São Paulo (2012), Troféu Raça Negra 2012, pelo Afro-Brás e Faculdade Zumbi dos Palmares (2011), Homenagem como Decano em Estudos Antropológicos, pelo Departamento de Antropologia da USP (2008), Homenagem da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo, ADUSP, em 2012. Em setembro de 2016 recebeu o título de cidadania baiana pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e, em junho de 2018, o Prêmio de Direitos Humanos USP/ (2017). Kabengele também foi premiado pela Associação Brasileira

de Antropologia (ABA) e pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), entidades de nossa classe que reconheceram a excelência da carreira e da sua produção.

Munanga tem um papel consolidado e é um dos grandes protagonistas intelectuais negros no debate nacional e internacional em defesa das cotas e políticas afirmativas. Com sua atuação constante, ética, cidadã e vigilante, o professor prova como uma formação acadêmica sólida necessariamente dialoga com o ativismo e vice-versa. Sobretudo em um país desigual como o Brasil.

Kabê é hoje um intelectual público, um símbolo do Movimento Negro no Brasil, com suas teorias, livros, palestras e frases funcionando como imenso incentivo intelectual e humano na luta por um país menos racista, e inspirando as novas gerações.

O professor Kabengele nos ensinou que o espírito de uma boa antropologia passa sempre pela busca do humanismo, pelo reconhecimento da alteridade, pelo diálogo, pela defesa da integridade dos povos subalternizados.

Com sua voz doce, meiga, sempre calma, Munanga é capaz de fazer as denúncias mais sérias e sem concessões: a indiferença do Estado brasileiro diante do racismo, a política genocida contra as populações negras das nossas periferias, as iniquidades que se encontram enraizadas em nossa sociedade, entre outras.

Sua defesa de políticas de reparação mostra como o Brasil não fez as contas com o seu passado, que insiste em ressurgir no tempo do presente. Sua luta incondicional pelas políticas de cotas e de ação afirmativas é paralela à sua aposta na construção de um país melhor – porque mais plural e inclusivo. Sua denúncia constante ao racismo estrutural, institucional e sistêmico vigente no Brasil têm servido de alento e estímulo para várias gerações de militantes e intelectuais negros e negros, mas também para seus discípulos brancos – dentre os quais me incluo –, e que têm ainda muito a aprender com ele.

Munanga costuma afirmar que no Brasil “o racismo é crime perfeito, porque quem o comete acha que a culpa está na própria vítima”. E que, além do mais, “destrói a consciência dos cidadãos brasileiros sobre a questão racial”. Leitor por dentro, a partir das estruturas do sistema, não só dos processos de racialização, como dos privilégios da branquitude – que insiste em não se entender como raça – Kabê jamais baixou sua guarda. Nem diante dos amigos. O preço de sua amizade é a sinceridade, por vezes cortante e transparente.

Por essas e por outras é que considero a trajetória do professor única e exemplar. A Antropologia que vem realizando com tanto afeto e competência tornou-se um dos instrumentos mais relevantes no respeito às sabedorias das populações negras e no combate ao racismo, insidioso, existente no Brasil.

Bom, comecei dizendo que Kabê escolheu o Brasil como pátria. Terminei con-

Discurso para a ocasião da Cerimônia de Outorga do Título de Professor Emérito a Kabengele Munanga

cluindo que foi o Brasil que escolheu Kabengele Munanga como seu paladino das grandes causas, que envolvem a utopia de um país mais justo, republicano e democrático.

Poetou Guimarães Rosa que “Mestre não é aquele que sempre ensina, mas quem, de repente, aprende”. Pois Kabê é assim: está sempre nos surpreendendo com o tanto que aprende, com a quantidade de caminhos que ilumina, com as tantas travessias que nos indica.

Parabéns, professor Kabengele Munanga, nosso Emérito querido.

Digo mais: esse título lhe fica muito bem com suas roupas alegres e fortes que lembram, sempre e não esquecem da sua ancestralidade. Kabengele Munanga nunca esqueceu.

Por isso hoje ele é nosso emérito ancestral.

Muito obrigada, mestre, pela dádiva que a mim, hoje, concedeu.

Lília Moritz Schwarcz, professora sênior do departamento de antropologia da Universidade de São Paulo. É graduada em História (USP,1980), mestra em Antropologia Social (Unicamp, 1986) e doutora em Antropologia Social (1993) pela Universidade de São Paulo, onde também se tornou livre docente (1998) e professora titular (2005). É Global Scholar e Professora visitante em Princeton, (desde 2011) e Affiliated Scholar Brazil Lab.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HASENBALG, Carlos A.; MUNANGA, Kabengele; SCHWARCZ, Lília Moritz. 1988. *Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: EdUFF. (Série Estudos e Pesquisas).

MUNANGA, Kabengele. 1986. *Negritude usos e sentidos*. São Paulo: Ática.

MUNANGA, Kabengele. 1999a. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes.

MUNANGA, Kabengele. 2009. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global.

MUNANGA, Kabengele. (Org). 1999b. *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. 2006. *O Negro no Brasil de Hoje*. São Paulo: Global e Ação Educativa.

